

Falando as Mestras

Antonieta de Barros

Oração de Parainfa, proferida, a 26 de novembro de 1945, no Teatro Álvaro de Carvalho, na solenidade da formatura das Magistrandas do Instituto Coração de Jesus de Florianópolis.

Vivo, neste instante, uma intensa e confortadora alegria.

Alvoroça-me o espírito o prazer do semeador que, no dia da colheita, vê, palpável e concreta, a bênção de Deus no seu trabalho.

E, dentro em mim, ressoam os cânticos vibrantes de triunfo dos que, plenos de Fé, fazem, conscientemente e conscienciosamente, a sua semeadura.

Se o comportamento é a chave que nos permite penetrar nos mundos anímicos; se a alma se reflete nos gestos espontâneos, a razão de ser da minha presença, neste momento, aqui, neste lugar de honra, sintetisa uma esplêndida página de psicologia da mocidade.

Tamanha significação tem ela para mim, tão profundamente me toca, que, hoje, me sinto recompensada de tôdas as minhas canseiras e de todos os meus cuidados e tenho

o coração de joelhos, para agradecer êste prazer profundo, uma das grandes bênçãos, com que o Senhor premeia os que fazem do trabalho a sua indescontínua oração.

Não é por mim, meus Senhores, cuja vida já entra no entardecer, mas pelas diplomandas de hoje, que são uma parcela viva do futuro, e cuja firmeza de atitudes e convicções, cuja lealdade, e cuja delicadeza de coração deixam vislumbrar o esplendor do Brasil de que serão educadoras.

Não é a vaidade, meus Senhores, que os que vivem a vida, como eu a tenho vivido, palmilhando o caminho, sentindo-lhe os espinhos, para melhor lhe bendizer as flores, êstes não sabem envaidecer-se, mas têm acuidade espiritual e bastante coração, para pressentir o mundo de que os moços de hoje serão alicerces, amanhã.

Não é a vaidade, meus Senhores, mas o prazer, que é triunfo, por poder sentir que, fugindo a todo e qualquer sentimento desnobre de utilitarismo, êste punhado de moças escreve uma linda página de elevação e dá à festa magna de sua vida de normalista, as fulgurações ímpares das grandes festas em que o coração é o maior artífice.

Sim, meus Senhores, porque, sem outro motivo, que o do coração; sem outro objetivo do que o de homenagear os Mestres que lhe deram um pouco de luz para a escada, as diplomandas do Instituto Coração de Jesus escolheram, para simbolizá-los, paraninfando esta festa, soberba e magnífica, o menor dêles, a pobre Professora que sou, tão pobre de tudo, que não possuo, hoje, nem o coração, para lhes oferecer, porque já lhes dera, no decorrer de cinco anos de caminhada comum.

Aqui me tendes, pois, nobres Afilhadas, respondendo presente à vossa chamada de honra é de amizade.

Aqui me tendes, coração aberto, falando-vos do lugar, onde a vossa generosidade acariciante me colocou, e deixando que a alma se me escape nas palavras.

E como não ser assim ?

Neste trabalho, em que se me vão morrendo os dias, jamais meu coração foi surdo ao apêlo dos alunos. Nunca as minhas mãos se furtaram ao dever, que é alegria, de estender-se aos que mas solicitaram.

O contrário seria mentir ao meu sacerdotício, a êste sublime sacerdotício, cuja prática a posse do diploma vos possibilita neste dia, que não digo vosso, porque é meu também, e de todos os que comungam do vosso triunfo.

Minhas queridas Amigas.

Há cinco anos, sòmente, que a minha experiência é lâmpada, embora pequenina, numa fração do vosso caminho. No entanto, o coração, pelo poder da afetividade, por um dêsses segredos impenetráveis de que é senhor, multiplicou êste curto lapso de tempo pelo infinito.

Hoje, parando um instante, para olhar o que lá ficou; tudo quanto, insensivelmente, escrevemos, vivendo os dias que passaram, ainda me comove e sensibiliza a bondade, a fidalguia e a atenção carinhosa com que, sempre, aceitastes o pobre pão espiritual que convosco reparti, fraternalmente.

E esta vossa imutável atitude fez do meu trabalho, no Instituto Coração de Jesus, uma das 'mais lindas e sedutoras páginas da minha longa

vida de professora.

Sim, porque nós, os que nos dedicamos a plasmar na parte psíquica do homem, a beleza da perfeição, ampliando-lhe as migalhas de divindade existentes, nós fazemos dêsse esforço o meio para chegarmos a uma sociedade melhor, a uma Pátria cada vez melhor e, conseqüentemente, a um mundo melhor.

Mulher, à proporção que mais penetro na vida, mais compreendo as responsabilidades que nos cabem na felicidade do mundo.

De nós dependem os altos vãos, onde a alma conhece os horizontes azues e dilatados do Bem, da Caridade e da Justiça, ou o rastejar contínuo, onde a alma humana perde tôda a centelha de divindade, que a singulariza, entre os demais seres da criação, para ser lodo, tão sòmente lodo.

É que somos, dentro da vida, as que educamos, como Mães e como Mestras.

Mas, Filhas minhas, permiti que, neste crepuscular da privança com tôdas vós, assim reunidas, ainda me entretenha, conversando convosco das veredas que, em busca dum mesmo ponto, levadas pelo mesmo anseio, guiadas pela mesma estrêla, de hoje em diante, percorreremos. Vós, com a graça, a afoiteza, a curiosida-

de e a inteligência de moças. Eu, prudente, saboreando o aprendizado da caminhada, mas bendizendo essa graça, essa afoiteza, essa curiosidade, essa inteligência, que são as sementes boas, para a eternidade dum Brasil, bem nosso, bem brasileiro, onde cada coração será um altar e um escudo, para cultuá-lo e defendê-lo.

Porque é o Brasil de amanhã que vemos e bendizemos em vós.

É a grandeza duma Pátria, que muito queremos e desejamos impulsionada pelo amor, e pela cultura, e pelo civismo de seus filhos, para os cimos a que, por sua destinação tem direito, a mais alta preocupação de todo o que faz do Magistério o seu caminho.

A Pátria e a Humanidade através do homem.

Minhas nobres Colegas:

O vosso diploma irmanou-nos o destino.

Sois professoras. Professora, também, o sou.

Embora colegas, deixai que, ainda, pela força do hábito, a minha experiência tente alumiar-vos a escalada, para prevenir-vos de surpresas possíveis.

Dentro da existência, o término de ciclos que se fecham, são, sem solução de continuidade, ciclos que

principiam.

A vida a isto se circunscribe. Dentro dela, o homem é o artífice do seu caminho, cuja beleza êle penetrará, se tiver olhos sensíveis, para ver.

Há flores e sombras, em tôdas as estradas. Há música, em tôdas as veredas. Não há, minhas queridas Filhas, as mais das vezes, é sensibilidade, para percebê-las.

Mas, nem só flores, nem só sombras, nem só música. Há, também, a desafiar a nossa coragem e a nossa atenção, pedras, esquecidas ou aí postas pelo descuido ou pela maldade das criaturas. Há soalheiras que vitalizam. Há gritos e há lutas, onde a vida se revela e as almas se robustecem.

A nossa caminhada em comum possibilitou-me a certeza de que, entre vós, não há o perigo da insensibilidade que tudo entenebrece, esbate e mata; nem a puerilidade, que tudo teme ou tudo vê côr de rosa.

É que estais habilitadas, para combater o bom combate, preparadas para a mais sublime das tarefas sociais - educar.

Educar é ensinar os outros a viver; é iluminar caminhos alheios; é amparar debilitados, transformando-os em fortes; é mostrar as veredas, apontar as escaladas, possibilitando

avancar, sem muletas e sem tropeços; é transportar às almas que o Senhor nos confiar, a fôrça insuperável da Fé.

Da Fé, que constrói; da Fé, sem a qual a vida é uma negação sem fim, o que significa uma derrocada. O nosso trabalho é, puramente, construtivo. Trabalhamos o Futuro, no Presente e, para que façamos obra perfeita, precisamos duma Fé robusta nos nossos próprios recursos.

Mas, minhas diletas Amigas, para ensinar a viver, é preciso saber viver.

Ides ensinar pequeninos.

E os pequeninos são um lindo sonho que vivificaremos pelo nosso zêlo, pela nossa dedicação de Mulheres, cujo destino o Senhor marcou com uma estrêla de luz.

Ensinai-os, pelo exemplo, a ser bons, sem ser tímidos; a ter a coragem da lealdade, sem ser indelicados; a ser valentes, na defesa da própria felicidade e na do próximo, sem a estreiteza do egoísmo.

Vivei para êles a lição do Amor que Cristo trouxe à terra, como a mais doce das carícias e a mais sublime das harmonias, irmanando todos os homens.

Não deixeis que a raça, a côr, a fortuna e todos êstes ridículos nadas em que se perdem, muitas vezes, as

criaturas, sejam traços de distinção, entre os pequeninos que o Senhor vos confiar.

Amai-os com o carinho maternal inato em tôdas nós, mas multiplicai os vossos cuidados pelos que mais pobres em fôrças morais forem.

Não há pobres que não possamos enriquecer com a mais sublime das riquezas - a que vem de um caráter reto e dum coração puro que saiba agasalhar-se no amor de Deus, o mais forte e poderoso dos escudos.

Ensinai-os a achar essa riqueza, a compreender-lhe o valor e dai-lhes os meios de conservá-la.

Socializai a criança, fazendo-a viver convosco, as virtudes de que sereis prêgoeiras, a fim de que cada uma aprenda que as nobres ações só refletem beleza, quando praticadas por um imperativo de consciência.

Que os vossos atos, dentro e fora do santuário da Escola, onde **não podem entrar as paixões que tumultuam na alma humana**, não se divorciem nunca das vossas lições, para melhor fixá-las, evitando a formação de caracteres com qualidades negativas, misérias morais que aviltam as criaturas.

Na Escola, transformada em templo pela hóstia do Amor, que santificará todos os vossos sacrifí-

cios, e renúncias, ensinai aos pequeninos que, no respeito a si mesmos, está a felicidade dos que não se aviltam, não rastejam, não apedrejam, não magoam; mas se elevam, sem acotovelamento; mas caminham o seu caminho, com dignidade; mas estendem as mãos ao próximo; mas dulcificam os pesadumes alheios.

Evitai os gestos, as atitudes, as palavras que desencantem, por vos lembrardes que, nas estradas alheias, não nos é permitido semear senão beleza, e que, na alma sensível da criança, ficará, eternamente, o espinho da vossa maldade.

Enamoradas, cativas da vossa Arte e da vossa missão, fazei da vossa Escola, o templo da vossa Fé, o grão de mostarda com que removeis as montanhas da ignorância, do indiferentismo e da maldade, para a supremacia da Cultura, do Bem, e da Perfeição.

Concretizai, Filhas minhas, em tôda a inteireza, com as energias da vossa alma de moças, e a alegria dos que se sentem ajustados ao seu caminho, o doce Evangelho do Amor e da Bondade que a nossa missão requer.

Perdoai-me, meus Senhores e minhas nobres Amigas, se me perdi nesta longa e rica seara, onde a Pro-

vidência, bondosamente, me colocou. Nem o coração, o centro propulsor da afetividade, a pêndula anímica, consegue reter o determinismo do tempo.

Obedecemos, pois, ao imperativo do momento. Segui, Filhas minhas, para a luta, onde a arma invencível é o Amor, e a causa, a suprema causa, a eternidade da Pátria e a felicidade do homem, pela

cultura do próprio homem.

Aqui, abençoando-vos, com abundância dalma, a vossa Amiga de sempre deixa-vos ir, saudosa, mas tranqüila e confiante, porque sabe que haveis de pontilhar de luz a vossa caminhada, transformando-a numa esplendorosa Via-látea, para, sob o olhar da Providência, mais engrandecer o Brasil, dentro de Santa Catarina.